

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT03.012](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT03.012)

## **“MEU FILHO, SEU ALUNO”:** EDUCAÇÃO, INFÂNCIA E FAMÍLIA NA ENCICLOPÉDIA NOSSAS CRIANÇAS (1960-1970)

**Bianca Nascimento de Freitas**

Doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará – UFC; bianca-nascf@gmail.com;

**Manuelle Araújo da Silva**

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; manuellearau-jodasilvaa@gmail.com;

**Mirelle Araújo da Silva**

Mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC; mirelle.silva@ifce.edu.br.

### **RESUMO**

O presente trabalho destina-se a desenvolver reflexões acerca dos conceitos de infância e família a partir da literatura enciclopédica, no recorte temporal situado entre os anos 1960-1970, em território brasileiro. Esta pesquisa insere-se, portanto, no campo de estudos sobre a historicidade da Educação no período da Ditadura Militar no Brasil. Elege-se como objeto a enciclopédia intitulada Nossas Crianças, publicada pela Editora Abril, compreendida como suporte central para um projeto de educação não obrigatoriamente formal, que visava entrelaçar os âmbitos escolares e familiares. Objetiva-se analisar, sobretudo, os temas que transcendiam os conteúdos escolares, considerados como relevantes ao universo familiar, enfocando seus textos, slogans, imagens e diagramação. Como referencial teórico-metodológico desta pesquisa, destaca-se Ariès (1981), Certeau (1980), Darnton (1986) e Martins; Luca (2008), por fornecerem fundamentações às análises dos conceitos de infância e família, no âmago de uma cultura historicamente

situada, bem como orientações para o trato documental com as fontes históricas impressas e periódicas. Como indicativos de resultados, a pesquisa considera que as enciclopédias são fontes históricas relevantes para se acessar valores, modelos, regras e normatizações de uma época, a partir dos perfis sociais ali construídos, tidos como modernos e civilizados, ancorados em uma visão homogeneizante e moralizante para a construção do que seria um novo cidadão brasileiro.

**Palavras-chave:** Infância, Família, Enciclopédia Nossas Crianças, Educação, Ditadura Militar.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa possui como objetivo central investigar as construções em torno dos conceitos de infância e família a partir de uma tipologia documental específica, na perspectiva histórica, que é a literatura enciclopédica, ou, ainda de modo mais circunscrito, trata-se de abordar por quais maneiras os conceitos mencionados estão presentes na enciclopédia intitulada *Nossas Crianças*, publicada pela editora Abril na década de 1970. Desse modo, o presente artigo parte da compreensão de que o conceito de Educação transcende acentuadamente apenas a perspectiva da educação escolar, haja vista que a análise dessa publicação, por exemplo, muito tem a ser explorada no que diz respeito a acessar valores, modelos, regras, disciplinamentos e normatizações de uma época.

Torna-se relevante destacar, ainda, que, à medida com que a publicação em questão se destinava a versar sobre os múltiplos assuntos relacionados à infância, a sua indicação de leitura não era direcionada apenas aos pais ou à família, mas também às educadoras e educadores. Nesse sentido, *Nossas Crianças* também se configurava como um instrumento formativo aos professores do período.

A enciclopédia *Nossas Crianças* foi uma publicação de destaque da editora Abril, com circulação iniciada em 1970, no formato de uma versão inicial composta por uma coleção de 90 seções, nomeadas de fascículos. Cada um desses fascículos possuía em torno de dezesseis páginas internas, além de uma extensa capa que se desdobrava em até quatro páginas. Conforme é possível se rastrear até mesmo pelo título da publicação em questão, todo o enfoque de seu múltiplo conteúdo consistia na pauta infantil. Versava-se sobre a infância a partir dos mais variados motes.

Dentre esses assuntos, destacam-se os de ordem mais cotidiana, como por exemplo os cuidados que eram tidos como ideais ao indivíduo na fase infantil. A enciclopédia *Nossas Crianças* possuía o objetivo de ser uma fonte inesgotável de respostas, um guia de consulta que não se pretendia acessório às rotinas das famílias, restringindo-se apenas às estantes, e sim como um material de

máxima utilidade, que frequentemente auxiliava na educação das crianças daquele período.

No que se refere aos assuntos cotidianos atrelados à temática infantil, destacam-se os ditames sobre os cuidados higiênicos e conteúdos pediátricos, como forma de auxiliarem os conhecimentos dos pais da criança no modo de cuidar e compreender as demandas específicas de seu desenvolvimento corporal. Nas páginas de *Nossas Crianças*, por exemplo, era possível observar diversas informações sobre o desenvolvimento infantil desde antes da sua existência, isto é, no período da concepção, passando pela gestação, primeiros dias, meses e anos de vida, até a puberdade, que, em função do recorte temático da publicação, encerrava o rol dos assuntos abordados na mesma.

Após se explicitar o recorte temático-conceitual da pesquisa, torna-se pertinente destacar as delimitações temporais às quais as reflexões aqui traçadas se debruçam: os anos de 1960 e 1970. A enciclopédia intitulada *Nossas Crianças* iniciou sua publicação nos anos 1970. Contudo, torna-se necessário retroceder o período em escrutínio nesta pesquisa à década de 1960, também por compreender que se trata de uma temporalidade efervescente, que exige reflexões mais acuradas do ponto de vista histórico. Em 1964, em território brasileiro, deu-se início, através de um golpe civil-militar, o período cunhado na historiografia como Ditadura Civil-Militar. Isto é, a publicação enciclopédica em questão iniciou e sustentou a sua circulação nesse período. Desse modo, faz-se necessário ponderar sobre quais são as reflexões possíveis entre *Nossas Crianças* e o seu contexto histórico de produção e circulação.

Os elementos de justificativa associados à presente pesquisa pautam-se na argumentação de que a tipologia da literatura enciclopédica resguarda múltiplas possibilidades e contribuições ao campo da História da Educação, sendo, contudo, ainda pouco explorada nos trabalhos da referida área de estudos. Compreende-se que as enciclopédias são fontes históricas relevantes para se acessar valores, modelos, regras e normatizações de uma época, a partir dos perfis sociais ali construídos, tidos como modernos e civilizados, ancorados em uma visão homogeneizante e moralizante para a construção do que seria um novo cidadão brasileiro. Ademais, imergir no estudo da Educação em perspectiva histórica significa

aguzar a atenção para os processos de mudanças e permanências ao longo da história educacional, possibilitando perceber quais projetos se mantêm cristalizados e envoltos em estruturas de poder no âmbito educacional e também atentar para as formas com se pode colaborar para a formação de um projeto educativo mais democrático, justo e igualitário na atualidade.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa classifica-se como documental e bibliográfica pois possui como objeto central de análise um documento histórico, qual seja a enciclopédia intitulada *Nossas Crianças*, publicada pela Editora Abril nos anos 1970, assim como também vale-se de uma bibliografia que se configura como um suporte substancial às análises desempenhadas neste artigo. Adota-se a perspectiva da pesquisa qualitativa, à medida com que se busca focar:

(...) o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. [...] O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos. (MINAYO, 2007, p. 21)

Apesar de se reconhecer a multiplicidade de potencialidades que a pesquisa quantitativa possui, optou-se por, nesta pesquisa, um viés metodológico com maior identificação quanto aos propósitos da pesquisa qualitativa, pois busca-se compreender como se erigem representações em torno dos conceitos de infância e família na enciclopédia *Nossas Crianças*, destinada a pais e mestres, assim como observar aspectos editoriais da referida publicação, que, para além de seus textos e imagens, também compõem significados relevantes. Ressalta-se, ainda, que interpretações hierarquizantes em relação às pesquisas quantitativas ou qualitativas não agregam positivamente às pesquisas educacionais. Tratam-se de escolhas metodológicas, com base na literatura acerca da pesquisa científica aplicada à educação.

Para operacionalizar sobretudo os conceitos de infância e família, o presente artigo destaca as contribuições de Ariès (1981),

em obra intitulada História Social da Criança e da Família, que oportuniza a compreensão histórica dos referidos conceitos. Conforme o autor, “Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo” (ARIÈS, 1981, p. 17). O mote dessa observação é relevante por se somar à compreensão de que conceitos como o de infância e o de família podem, por vezes, parecerem estáticos ou cristalizados. Contudo, é necessário ter clareza de que ambos são conceitos que, a depender do contexto historicamente situado, possuem significações distintas. Compreender acerca da historicidade da infância e da família torna-se essencial para desenvolver as reflexões que se seguem, à medida com que a enciclopédia Nossas Crianças os adota como mote central da publicação.

Ainda de acordo com Ariès (1981), torna-se essencial refletir sobre as interrelações entre o conceito de infância e o ambiente escolar, bem como o que o autor nomeia como sentimento moderno de família:

O extraordinário desenvolvimento da escola no século XVII foi uma consequência dessa preocupação nova dos pais com a educação das crianças. [...] A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância outrora livre em um regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato. A solicitude da família, da Igreja, dos moralistas e dos administradores privou a criança da liberdade de que ela gozava entre os adultos. Infligiu-lhe o chicote, a prisão, em suma, as correções reservadas aos condenados das condições mais baixas. Mas esse rigor traduzia um sentimento muito diferente da antiga indiferença: um amor obsessivo que deveria dominar a sociedade a a partir do século XVIII. (ARIÈS, 1981, p. 195).

Nas palavras do autor, o infante passou a não mais ser objeto de indiferença, e sim de um amor obsessivo. Esse enfoque concedido à criança resultava em um disciplinamento mordaz, não raras vezes regado a crueldades. Não mais coadunar com a ideia de que

a criança seria um pequeno adulto, um ser maduro em miniatura, e sim um indivíduo que exigiria atenção especial de toda a sociedade, em especial à família, à igreja e à escola; trouxe severas implicações ao cotidiano infantil. Desse modo, cumpre atentar aos conceitos de infância e família veiculados na enciclopédia Nossas Crianças, partindo do princípio de que os mesmos são históricos e que, portanto, experienciam mudanças e permanências ao longo do tempo.

Certeau (1980), historiador e antropólogo francês, também compõe o aporte teórico-metodológico deste texto, sobretudo a partir da obra *A Invenção do Cotidiano* em seu primeiro tomo, intitulado *Artes de Fazer*. A referida obra atenta-se às práticas cotidianas/ordinárias, observando, analisando e concedendo enfoque, portanto, aos sujeitos ditos comuns, que, em uma visão macro da História, interessada em grandes personagens, seriam desconsiderados nessa tipologia de narrativa. Portanto, Michel de Certeau debruçou-se sobre os múltiplos modos com que os indivíduos, imersos em seus cotidianos, interpretavam, utilizavam e/ou subvertiam normas, regras e convenções sociais, que, no mais das vezes, eram hierarquicamente impostas em suas realidades sócio-culturais.

Darnton (1986), em obra intitulada *O Grande Massacre de Gatos*, também soma-se ao arcabouço teórico-metodológico constituído para viabilizar as análises deste artigo, a partir da História Cultural. O autor segue perspectiva semelhante à Michel de Certeau, no sentido de focar o entendimento de mundo das pessoas ditas comuns. Na obra em questão, o autor adverte: “a maioria das pessoas tende a pensar que a história cultural aborda a cultura superior, a Cultura com c maiúsculo” (DARNTON, 1986, p., 13). Contudo, seu objetivo central consistia em imergir na historicidade da cultura das pessoas comuns, das suas ideias e mentes aos seus comportamentos. Desse modo, a referida produção de Robert Darnton centra-se em analisar “as maneiras de pensar na França do século XVIII. Tenta mostrar não apenas o que as pessoas pensavam, mas como pensavam – como interpretavam o mundo, conferiam-lhe significado e lhe infundiam emoção” (DARNTON, 1986, p. 13).

Martins e Luca (2008) possuem relevantes contribuições relativas ao trato documental com as fontes históricas impressas e periódicas, que exigem orientações metodológicas específicas de análise. Para além de buscar compreender os textos e as imagens

da enciclopédia Nossas Crianças a partir do tripé proposto por Chartier (1980) e de atentar-se aos processos de produção, circulação e consumo, torna-se também pertinente construir análises sobre a forma com que esses conteúdos são dispostos no âmbito da diagramação desse tipo de literatura. O modo com que se opta por diagramar uma produção impressa não se constitui a partir de parâmetros calcados na neutralidade. Múltiplos aspectos da diagramação dos impressos resguardam intenções e objetivos que dialogam com seus conteúdos centrais.

Os autores destacados nesta seção fornecem fundamentações teórico-metodológicas às análises dos conceitos de infância e família, no âmago de uma cultura historicamente situada, bem como orientações em relação ao trato documental com as fontes históricas impressas e periódicas. O conjunto de contribuições teórico-metodológicas aqui descrito fundamentou substancialmente as reflexões e as análises desempenhadas neste artigo, que não se pretendem totalizantes ou inteiramente conclusivas, à medida em que busca contribuir aos demais estudos acerca das temáticas em foco.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Haja vista a importância dos estudos sobre a educação no Regime Militar, será apresentada aqui a análise de um instrumento impresso, utilizado como suporte para a educação não necessariamente formal e que buscava unir a escola e a família: a enciclopédia. Portanto, este trabalho não se debruçará acerca dos aspectos atinentes à educação formal no período destacado, compreendendo que o conceito de educação não se restringe somente aos seus espaços formais, como ambientes escolares, por exemplo. Populares no Brasil especialmente a partir dos anos 50 do século XX, as enciclopédias eram vendidas de porta em porta ou oferecidas nas escolas, trazendo, além dos conteúdos escolares, temas relacionados a tudo o que fosse entendido como pertencente ao universo familiar.

Nesse período, a literatura enciclopédica era também vista como símbolo de conhecimento e cultura entre as famílias de classe média e carregavam consigo valores, modelos e regras que



validavam perfis sociais utilizando a educação como meio de atualizar e preparar os brasileiros para o Brasil moderno. Desse modo, as enciclopédias se constituíam como um símbolo de progresso e modernidade.

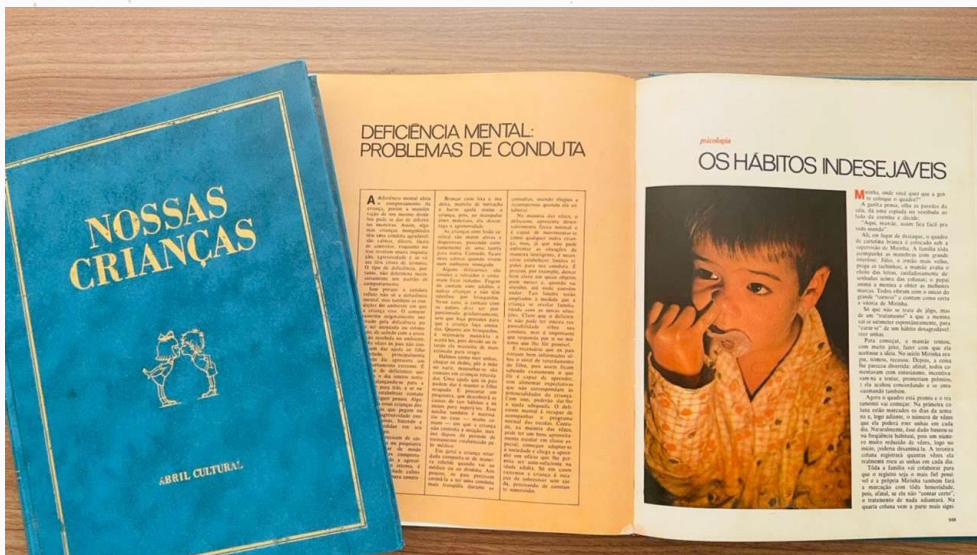
Há uma intensa relação entre o início da ditadura civil-militar em território brasileiro e os impressos didático-pedagógicos. Após o golpe civil-militar de 1964, ao mesmo tempo em que ocorreu a censura às manifestações culturais de cunho alternativo e contestatório, houve também uma grande explosão das publicações didáticas, facilitadas por iniciativas dos governos militares e pelo desejo de expandir uma doutrina que firmasse e legitimasse o golpe. Havia, portanto, uma intenção pungente de controle no que se refere ao conteúdo dos impressos que possuíam alguma função de cunho didático nesse período.

É nesse momento que um dos maiores grupos de comunicação do país, o grupo Abril, começa a se destacar com o desejo de Victor Civita, dono da editora, em inovar, editando títulos nacionais, com destaque para as enciclopédias em fascículos (MARTINS; LUCA, 2008). Civita (1907-1990) foi um editor e empresário, naturalizado brasileiro. Nasceu em Nova Iorque, no dia 9 de fevereiro de 1907, tendo se mudado com a família ainda no ano de 1909 para Milão, na Itália, onde estudou no Instituto Técnico de Estudos Comerciais, completando somente o curso secundário. E em 1949, já casado e com dois filhos, Victor Civita viajou para a Argentina para conhecer a editora fundada por seu irmão, César Civita. Naquele mesmo ano, após um período de negociações com César, Victor mudou-se para o Brasil e instalou seu projeto em uma pequena sala situada na rua Líbero Badaró, no centro de São Paulo. Era o início da editora Abril no Brasil.

Entre tantas publicações editadas pela editora Abril, destacaremos aqui a enciclopédia *Nossas Crianças*, publicada em 1970, formada por uma "coleção de 90 fascículos, cada um com 16 páginas internas, mais 4 páginas de capa". A enciclopédia unia os mais diferentes temas relacionados aos cuidados com a criança, desde noções básicas de higiene até a pediatria para ajudar "pais e educadores a enfrentarem os pequenos problemas do dia a dia". Ao final, *Nossas Crianças* somava 6 volumes de 15 fascículos, tendo ainda um volume à parte, o sétimo, formado pelas 4 páginas de capa,

intitulado *O desenvolvimento da criança*, que empenhava-se em analisar todas as transformações que ocorrem desde a concepção até a puberdade, como podemos ver em uma das propagandas, observável na Fig.2, que apresenta *Nossas Crianças* como “fonte de respostas” e “a obra mais consultada da sua estante”.

**Figura 1:** Capa e editoriais da enciclopédia *Nossas Crianças*, respectivamente intitulados Deficiência Mental: problemas de conduta e os Hábitos Indesejáveis.



Na imagem acima pode-se observar, à esquerda, a capa da enciclopédia *Nossas Crianças* e, à direita, um volume da referida publicação que veiculou dois editoriais nomeados como Deficiência Mental: problemas de conduta e Os hábitos indesejáveis. Esses dois textos são significativos, desde os seus respectivos títulos, pois atinam à preocupação central da publicação em fazer veicular textos que versassem sobre o comportamento das crianças. Editoriais como esses permitem entrever quais seriam as condutas tidas como exemplares, a serem replicadas, e quais seriam as condutas indesejáveis, a serem reprimidas.

Isto é, através de *Nossas Crianças*, é possível acessar conjuntos de normas, regras, comportamentos e condutas aceitas e desejáveis socialmente, bem como as que seriam abomináveis a essa mesma sociedade historicamente situada. Torna-se relevante, ainda, ressaltar a qualidade material da publicação, em suas cores

nítidas, imagens em alta resolução e folhas resistentes, que revelam padrões editoriais de destaque no período em questão.

Figura 2: Propaganda de apresentação da enciclopédia Nossas Crianças. Realidade, v. 55.p.166.

# “Nossas Crianças” tem resposta para muitos dos seus problemas.



## O desenvolvimento da criança

Falar, comer, angustiar-se, andar de bicicleta, escrever, chorar, ter amigos, ter idéias sexuais, vestir-se, crescer no, tudo é desenvolvimento. Desenvolvimento físico e mental que deve obedecer a determinados padrões. “Nossas Crianças” explica como se dá o desenvolvimento normal desde o nascimento até a adolescência, com páginas e páginas ilustradas.



## Emergência

Qual a criança que não se machuca? Que não se queima ao sol? Essas coisas que os pais gostariam que nunca acontecessem estão listadas previstas em “Nossas Crianças” e os pais aprendem como agir. O que fazer. Os casos de emergência. Como agir: uma criança em momento de convulsões, febre, desidratação, creche de emergência. É um manual de pronto-socorro dentro do fascículo.



## Vida Escolar

Fotografias, ilustrações, desenhos em quadrinhos mostram como a criança aprende e cresce. E abordam os problemas que uma criança pode ter na escola, tanto no nível pedagógico como psicológico. O método do professor, a dificuldade de entendimento, a competição na escola, a educação tradicional e a moderna, o papel dos pais e muitos outros temas.



## Lazer

Uma criança pode brincar apenas por brincar ou pode aprender brincando. Para desenvolver as potencialidades da criança existem muitos exercícios de memória visual, memória auditiva, exercícios para o desenvolvimento da atenção, da coordenação motora. Inúmeras sugestões auxiliam o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da sensibilidade das crianças.



## Obstetrícia

“Nossas Crianças” fala da bebê mesmo antes de nascer. Trata do que acontece desde a concepção até o parto. Condições como a normalidade, a frequência, os sinais mais importantes de visitar o médico durante a gravidez. A alimentação. A preparação para o parto.



## Psicologia

A psicologia é tratada a partir de exemplos, num linguagem leve e informal, segundo as orientações práticas. Aqui há tanto sentido que todos os pais têm, pode ser muito útil para identificar e formação dos seus filhos. Aprender a compreendê-los, faz com que sejam felizes, sensíveis e vivos.



## Recém-nascido

Quem são os cuidados necessários com o bebê, do nascimento ao fim do primeiro mês? O primeiro banho, quando iniciar a alimentação, cuidados com o umbigo, o sono, o choro, o aleitamento. Assaduras comuns e outros raras. “Nossas Crianças” fala de tudo.



## “Nossas Crianças”, a obra mais consultada da sua estante.

“Nossas Crianças” é uma coleção de 90 fascículos, cada um deles com 16 páginas internas, mais 4 páginas de capa. Este livro, fortemente ilustrado, focaliza o criança nos diversos áreas: psicologia, pediatra, patologia, fornecendo ampla orientação aos pais e educadores para enfrentar os pequenos e grandes problemas do dia a dia. A coleção completa de “Nossas Crianças” será composta de 6 volumes de 15 fascículos cada um, sendo que, no 1º volume, serão apresentados os 14 fascículos iniciais e o fascículo introdutório que vem junto com o primeiro número. Ao término de cada volume, o leitor encontrará, nas bancas de jornais, os copos-elos destinados à sua aquisição. Ao comprar dois fascículos, encaminhados, favorável o mesmo volume: “Desenvolvimento da Criança”, que analisará as diversas transformações que ocorrem desde o momento da concepção até a puberdade.



## Doenças Infantis

O que fazer enquanto o médico não vem? Uma lista simples de etiologia e de consultas práticas ajuda você a enfrentar serenamente os problemas de saúde de seu filho. Como prevenir doenças, como prevenir a contaminação, como identificar sintomas.



## Higiene e Crescimento

É durante o crescimento que os pais devem observar uma série de cuidados com o desenvolvimento do corpo para que tudo corra bem no futuro. A primeira e segunda infância (ortodontia, ortoptologia) são períodos delicadamente sensíveis. Igualmente existem artigos sobre sono, alimentação, higiene, hábitos e cuidados que obedecem as necessidades individuais.



Na Fig.2, que reproduz uma das publicidades acerca da enciclopédia *Nossas Crianças*, é possível observar que essa publicação tinha por objetivo abranger os mais diversos aspectos da vida infantil, tornando-se útil a pais e mestres que buscavam aperfeiçoar os cuidados infantis destinados aos seus filhos e/ou alunos. O projeto editorial em questão buscava fazer dos tomos de *Nossas Crianças* um artigo de máxima utilidade, diretamente associado aos dilemas da vida cotidiana e da educação, em sentido amplo, dos seres infantis. Tratava-se de torná-la não apenas mais uma publicação sobre a vida infantil em circulação, que raramente inspira leituras, mas sim torná-la “a obra mais consultada da sua estante”.

Assuntos sobre o desenvolvimento da criança, a vida escolar, a obstetrícia, o recém-nascido, as doenças infantis, a higiene e o crescimento, a emergência, o lazer, a psicologia compunham essa publicação. O rol das temáticas em questão buscavam tornar essa enciclopédia um importante guia da vida prática e cotidiana da educação de crianças. As temáticas em relevo na propaganda de *Nossas Crianças*, observável na Fig.2, demonstram preocupações biológicas, epidemiológicas, psicológicas, higiênicas, obstétricas, perinatais, neonatais e também questões recreativas. Tratava-se de almejar abordar os assuntos infantis em sua integralidade, condensando temáticas úteis, sem resguardar possíveis interesses por publicações concorrentes.

*Nossas Crianças* surge reforçando o compromisso assumido pela editora Abril, de abranger o máximo de conteúdo possível sem perder o rigor científico. A propaganda de *Nossas Crianças* fazia questão de reforçar que a enciclopédia traria orientações seguras a todos os pais e professores, enfatizando que médicos, psicólogos, educadores e pediatras colaboram na construção dessa obra. São, inclusive, profissionais oriundos de instituições de renome os responsáveis pelos artigos de *Nossas Crianças*, sendo todos listados no anúncio da enciclopédia, como instrumento utilizado para conferir legitimidade e cientificidade aos conteúdos veiculados nesse impresso. *Nossas Crianças*, portanto, também se configurava como um veículo de popularização da ciência à sociedade.

Desse modo, torna-se relevante elaborar e destacar o seguinte questionamento: como se formou a enciclopédia da Abril, que abordava unicamente o mundo das crianças? Essa inquietação adquire

contornos ainda mais sinuosos à medida com que ressalta-se que as enciclopédias eram, nesse momento, o principal investimento do selo Abril Cultural, conferindo grande relevância a essa produção. *Nossas Crianças* se apresentava em um conjunto de livros de capa dura de cor azul ou verde com letras douradas e o desenho de um menino e uma menina olhando um ao outro.

Além dos bonitos detalhes da capa, caprichosamente adornada, todos os fascículos que, juntos formariam a enciclopédia, eram cuidadosamente confeccionados em papel couchê, com imagens coloridas e belíssimas ilustrações de crianças, famílias, brincadeiras e até do corpo humano, quando o assunto tratava de alguma doença. Desse modo, do ponto de vista gráfico, era sem dúvida o que havia de melhor e mais moderno no mercado.

**Figura 3:** Ilustrações de doenças como a tuberculose e a pielonefrite tornam os conteúdos mais didáticos e leves, especialmente para as mães e os pais. *Nossas Crianças*, v. 2.p.300, 466-467.



Um dos assuntos que obtinha destaque, no âmbito das temáticas abordadas na enciclopédia *Nossas Crianças*, é o que pode ser observado na Fig.3: a preocupação epidemiológica. Havia recorrentes textos nomeando e explicando com detalhes as doenças que mais atingiam as crianças naquele período e a sociedade como um todo, como por exemplo a tuberculose e a pielonefrite. Nesses textos, buscava-se aliar uma linguagem que dispusesse de fácil compreensão e, concomitantemente, de rigor científico. Tratava-se de elucidar as formas de transmissão das doenças, sua ação no organismo infantil e também medidas de prevenção, de modo a evitar contágios e colaborar positivamente com a saúde das crianças.

E não havia a preocupação de fazerem modernos apenas os aspectos gráficos, mas também todo o seu conteúdo e apresentação. Na apresentação do volume 1 de *Nossas Crianças*, Victor Civita conceitua a criança como um ser pequeno, estranho, maravilhoso e frágil que precisa de cuidados especiais. Para ingressar na vida adulta ela deveria ser cautelosamente formada para obter sucesso, e acrescenta: “cuidar, compreender e educar são missões que competem principalmente aos pais.” Nesse sentido, há, para o empresário, um grande peso da família na educação das crianças, na formação de seus caracteres e na construção de um futuro promissor. Contudo, no ano seguinte, a lei a Lei nº 5.692, instituída em 11 de agosto de 1971 e que fixava Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, iria afirmar que, sozinhas, as famílias não dariam conta de educar o cidadão tido como moderno, cabendo à escola essa função.

Vale destacar, ainda, que todos os fascículos e enciclopédias produzidos pela editora Abril eram assinados por Victor Civita, pois, assim, o grupo editorial construía mais uma estratégia de convencimento do cliente. Tal atitude dava ao produto comercializado um simbolismo, sendo ao mesmo tempo uma mercadoria fabricada pela indústria e, portanto, submetida a lógica do lucro, e um objeto cultural detentor de diversos simbolismos, conforme afirma Pereira (2005).

Ainda assim, Victor Civita fazia questão de salientar que a Abril Cultural se satisfazia em oferecer aos brasileiros uma obra como *Nossas Crianças*. Na apresentação da edição de 1970, Civita afirma que a editora se orgulha em auxiliar os pais a cuidar e educar os

filhos pois, assim, estariam “ajudando a moldar homens sadios e bem formados para maior grandeza do Brasil de amanhã”. Isto é, as crianças estavam sendo educadas com o propósito de integrar e reforçar o perfil de sujeito ideal daquela sociedade conservadora.

Contudo, torna-se relevante destacar o seguinte questionamento: de que modo eram construídas essas representações acerca do que se considerava um sujeito ideal no contexto de uma ditadura civil-militar? Analisando o índice da enciclopédia, observamos que ela é dividida por temas, tais como: a criança problema, doenças infantis, higiene e crescimento, lazer, psicologia e vida escolar. Os temas não são incomuns, o que desperta a atenção é o modo com que os mesmos são distribuídos na publicação.

Assuntos como preguiça e indisciplina aparecem na seção *vida escolar*, enquanto questões como homo afetividade, deficiência intelectual e física<sup>1</sup> aparecem na seção *criança problema*, em páginas amarelas destacadas ao lado de artigos com temas como delinquência, psicopatia e suicídio. Sobre o trato dos pais com as crianças com deficiência, Nossas Crianças afirmava que:

Em geral a criança retardada comporta-se de maneira rebelde quando vai ao médico ou ao dentista. Aos poucos, os pais precisam ensiná-la a ter uma conduta mais tranquila durante as consultas, usando elogios e recompensas quando ela colaborar.<sup>2</sup>

É possível perceber que essas instruções se referiam menos à educação dessas crianças e mais ao seu adestramento com a finalidade de tentar disfarçar e esconder a realidade desses sujeitos. Isto é, essa fonte historicamente situada no período da ditadura civil-militar permite entrever, que educar significava, em seu propósito central, adestrar, disciplinar, cercear e coibir. Todos os conteúdos de Nossas Crianças buscavam indiretamente a formação de uma criança modelo, excluindo todos que destoavam do arquétipo adequado e que ficam à margem das normas. Assim, a enciclopédia

1 As nomenclaturas citadas estão atualizadas, mas em Nossas Crianças aparecem como homossexualismo, retardo e defeito mental e físico entre outros termos pejorativos.

2 CIVITA, Victor (ed.). Deficiência mental: problemas de conduta. In: CIVITA, Victor (ed.). **Nossas crianças**: volume 4. São Paulo: Abril cultural. p. 948.

apresentava um padrão de criança e trazia orientações aos pais que tentavam encaixá-las nele por meio das instruções.

Por sua vez, o processo de normalização das crianças é atrelado a um padrão hierarquizante de família, argumentando que a ausência desse equilíbrio familiar poderia levar a problemas entendidos como mais graves:

As experiências homossexuais geralmente tem início por volta dos 3 anos, época em que os contatos sexuais começam a se intensificar (...) Na maioria dos casos essas relações são transitórias e desaparecem na puberdade. Mas quando a criança tem problemas, principalmente emocionais, a prática do homossexualismo pode permanecer (...) Estudos feitos com crianças que apresentavam comportamento homossexual (...) revelaram vários problemas de personalidade, principalmente relacionados com falhas na vida familiar. Na maior parte das vezes o homossexualismo é causado por fatores psicológicos, entre os quais o mais importante é a ausência de identificação com o progenitor do mesmo sexo, geralmente provocadas por atitudes incorretas dos próprios pais.<sup>3</sup>

Argumentações como a presente no trecho supracitado são vinculadas à presença dos artigos referentes a chamada família moderna e sua relação com a escola, cujos conteúdos trazem a necessidade de se construir um lar em perfeito funcionamento, com a presença de todos os papéis familiares bem definidos e onde todos participam diretamente da educação dos filhos. Assim, o espaço domiciliar ainda é referenciado como um âmbito de grande importância, dotado de modelos familiares, sobretudo das figuras paterna e materna consideradas ideais, acreditando-se que qualquer dita disfunção ocasionaria o que se classificava como distúrbios na sexualidade infantil ou outras adversidades, o que geraria uma vida com a forte necessidade de análise e tratamentos psicológicos.

Torna-se relevante ressaltar que grande parte desse cuidado com o equilíbrio familiar pesava mais sobre as mulheres, sendo bastante ressaltado que uma mãe desequilibrada emocionalmente

3 CIVITA, Victor (ed.). Homossexualismo. In: CIVITA, Victor (ed.). **Nossas crianças**: volume 4. São Paulo: Abril cultural. p. 996.



poderia criar filhos agressivos e inquietos que tenderiam a repetir o seu descontrole. Ou ainda que as mães, que por ocasião de viuvez ou desquite, não conseguissem suprir o papel de disciplinadora do lar, função que caberia em grande parte ao pai, poderiam causar impactos negativos nas crianças. Nesse caso, quando da ausência paterna, a mãe deveria procurar preencher esse espaço com a presença de uma figura masculina, um tio, avô ou professor para que os meninos não crescessem sensíveis em excesso e desajustados nos espaços masculinos.<sup>4</sup>

Essa compreensão que preza pela imagem da família tradicional, ainda muito forte nos dias de hoje, era reforçada em vários fascículos de *Nossas Crianças* e em outras publicações semelhantes não apresentadas aqui. A missão de preparar o cidadão para o Brasil moderno estabelecia padrões de classificação do que era normal e anormal, passando pela construção das crianças, mas também do entendimento sobre o que é considerado família e sobre como cada papel familiar deveria ser desempenhado.

Não se tratava apenas de listar determinados assuntos por ordem alfabética, mas de classificá-los, dividi-los e dar visibilidade a determinados temas em detrimento de outros. A classificação não é uma ação aleatória, mas um exercício de poder, é estabelecer categorias e policiá-las e isso não é feito de qualquer modo: “toda ação social flui através de fronteiras determinadas por esquemas de classificação” [...] (DARNTON, 1986, p. 249).

A questão é: porque, ao invés de uma educação que vise a autonomia das crianças e adultos, ainda hoje surgem projetos como o *Escola Sem Partido*? E mais, por que propostas assim possuem tantos adeptos? Tais projetos somente colaboram para a visão de uma educação cada vez mais conservadora, excludente e que não abre espaço para o pensamento crítico, anulando o que difere dos padrões sociais aceitos.

A onda conservadora que tem se intensificado no Brasil desde o Golpe de 2016, e que pouco valoriza as diferenças e a socialização, só mostra o quanto ainda prevalecem a ignorância e a atração pelo autoritarismo em nosso país, bem como não são poucas as

---

4 Essas discussões aparecem em artigos como *Lugar de mãe é em casa?*, *Mãe temperamental* e *Família só com mãe*.

famílias que ainda vivem a ilusão de criar um padrão de sujeito ideal que, por sua vez, poderá seguir espalhando o ódio e a intolerância em nome dos cidadãos de bem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa sobre Educação em perspectiva histórica não almeja desempenhar reflexões que sirvam apenas a tempos passados. A sua utilidade consiste em estendê-las ao cotidiano atual, nas demandas do presente.

A Proposta de Emenda Constitucional 241 (55) /2016, que estabeleceu um limite para os gastos do governo federal para os seguintes 20 anos significou uma grande perda para a sociedade brasileira, sobretudo para aqueles que contam somente com o Estado para usufruir de serviços básicos, como a educação. Esta, por sua vez, além do desmonte orçamentário, vem sofrendo também, uma crescente perseguição ideológica com a atuação de movimentos como o Escola Sem Partido (ESP) e sua proposta de um ensino dito neutro, que se transformou, inclusive, em projeto de lei.

O Escola Sem Partido obteve notável interesse entre a classe política conservadora, mesmo após vários estudiosos da educação já terem apontado o projeto como inconstitucional, uma vez que contradiz a escola como espaço de formação cidadã. As motivações dos apoiadores do ESP são as mais variadas e vão desde crenças religiosas até a mais famosa de todas: o medo de uma suposta doutrinação esquerdista que destruiria as crianças e as famílias a partir da escola. Trata-se de uma ideia desancorada em seus sentidos, mas que tem se repetido em vários momentos da história do Brasil.

Em todo o caso, independentemente da justificativa apresentada pelos defensores do projeto, torna-se importante percebermos que propostas como essa apresentam propósitos muito bem definidos e se referem ao controle sobre o outro e à imposição de padrões sociais por meio da educação.

Esse controle não diz respeito somente ao entendimento sobre a prática de educar, mas também sobre os sujeitos que fazem parte desse processo. Pensar normas de conduta para a criança e a família, discipliná-las e criar modelos para elas, evidenciam como estes

conceitos estão profundamente interligados, uma vez que a própria construção histórica da ideia de infância está relacionada à posição das crianças no ingresso da vida escolar e nas formas de tratamento no interior da família burguesa, conforme Ariès (1981).

Freire (2005) afirma que a repetição da prática de uma educação que não é libertadora gera, em determinado momento da experiência de vida do oprimido, uma atração pelos padrões de vida do opressor, numa tentativa de se igualar a ele. Partindo dessa ideia, podemos entender que famílias ou escolas conservadoras tendem a formar cidadãos conservadores, ao passo que famílias ou escolas com posicionamentos e ideias libertadoras tendem a formar cidadãos emancipados. Nesse segundo caso, por que ainda há na sociedade brasileira tanto medo de uma educação libertadora?

Talvez a nossa experiência com tantos períodos autoritários sugira explicações para essa pergunta, assim como as várias polêmicas sobre doutrinação nas escolas e os movimentos conservadores como o ESP, que, em nome da família brasileira, defendem que os pais devem escolher a que tipos de debates seus filhos podem ou não ter acesso. Isso nos desperta a atenção para um período recente de nossa história, em que direitos foram cerceados e a liberdade foi fortemente atingida. No Regime Militar, além da censura direta imposta em decretos e leis, a opressão também se construía e se consolidava na manutenção da desigualdade e na exclusão do que se distanciava dos padrões socialmente impostos.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

CÂMARA FEDERAL. Parecer do Relator da Comissão Especial da PEC nº 241, de 2016. Brasília, DF, 2016b. Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=0A941D8BD8A6CCE7A8BD730886DBB276](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=0A941D8BD8A6CCE7A8BD730886DBB276)>.

proposicoesWebExterno1?codteor=1495741&filename=Tramitacao-PEC+241/2016». Acesso em 09 de agosto de 2022.

CERTEAU, M. de, **L'invention du quotidien: Arts de faire**. Paris: Gallimard, 1980.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CIVITA, Victor (ed.). **Nossas crianças**: São Paulo: Abril cultural, 1970. 7v.

DARNTON, R. **O Grande Massacre de Gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. São Paulo: Graal, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEREIRA, Mateus H. F. A trajetória da Abril Cultural (1968-1982). **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 239-258, jul./dez. 2005.